

O COMPORTAMENTO VARIÁVEL DA CONSOANTE NASAL EM POSIÇÃO DE CODA NA FALA DO PESSOENSE

Ana Clarissa Santos Beserra¹

INTRODUÇÃO

O estudo da língua falada vinha sendo desconsiderado, por muito tempo, pelos lingüistas de décadas passadas. Correntes como o Estruturalismo e o Gerativismo, baseavam-se numa língua ideal, homogênea, de forma que a variação era um fenômeno descartada, visto que, os estruturalistas e gerativistas não a consideravam, nem tampouco defendiam a mudança lingüística como um processo resultante da variação.

Entretanto, com o advento da Sociolingüística, a língua falada recebeu um destaque maior, por parte dos estudiosos da língua, sendo analisada por vários aspectos, sejam eles, morfológicos, fonológicos, sintáticos, entre outros.

O presente trabalho tem como base teórico-metodológica a Sociolingüística Quantitativa, também denominada Teoria da Variação, desenvolvida por William Labov (1966), que, em seus estudos, observou que a heterogeneidade presente na fala pode ser sistematizada através de dados estatísticos, que resultam de uma análise feita do fenômeno que se apresenta em estado de variação, atrelado a variáveis sociais e lingüísticas.

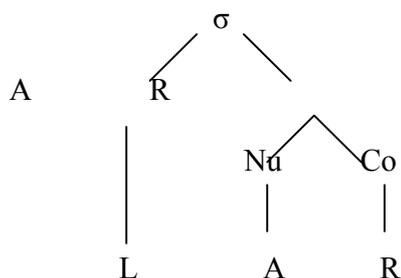
Como objeto de estudo selecionamos a consoante nasal em posição de coda, que tem se apresentado como variável na fala dos pessoenses. Para exemplificar esse fato, consideremos a palavra *homem*, que, por muitas vezes, é realizada pelos falantes como *ômi*, ocorrendo, então, a supressão da consoante nasal.

Acreditamos que com o acesso a um trabalho dessa natureza, um professor de língua portuguesa terá a noção de como a variação está presente na fala dos indivíduos, como também entenderá o fato de alunos escreverem, por muitas vezes, as palavras sem a consoante nasal na posição em final de palavras.

1. A CONSOANTE NASAL

Existem duas teorias básicas sobre a estrutura interna da sílaba: a teoria autosegmental e a teoria métrica da sílaba. A primeira teoria, desenvolvida por Kahn (1976, apud COLLISCHONN, 2001) defende que os segmentos da sílaba estão ligados diretamente a uma camada representada pela letra grega “σ”. Já a teoria métrica, desenvolvida por Pike e Pike (1947 apud COLLISCHONN, 2001) e Fudge (1969 apud COLLISCHONN, 2001) apresenta uma concepção de que a sílaba é ramificada, conforme a estrutura abaixo com a palavra *lar*:

¹ Mestranda pela Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba



Neste caso, a sílaba é composta por um ataque (A) e uma rima (R) que consiste num núcleo (Nu) e uma coda (Co). Nos deteremos na posição de coda, que, na língua portuguesa, só pode ser ocupada por quatro consoantes, são elas: /S/, /R/, /l/ e /N/. (CAMARA, 1989). Dentre estas quatro consoantes focalizaremos a nasal /N/.

A consoante nasal pode se apresentar, no português brasileiro, das seguintes formas:

- em início de palavras: mala, nariz
- em interior de palavras: cantor, menina
- em final de palavras: homem, álbum

Em nosso trabalho abordaremos a nasal em final de palavras, focalizando os nomes (adjetivos e substantivos), as conjunções, os advérbios e os pronomes. Não é de nosso interesse, no momento, analisar o comportamento da nasal em verbos, visto que, devido à quantidade de dados, uma pesquisa dessa natureza requer um trabalho à parte.

2. A SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA

A língua falada tem sido, a partir da década de 60, objeto de estudo dos sociolingüistas, que acreditam que a língua sofre influência de fatores externos a ela, tais como: sexo, idade e classe social do falante, entre outros.

O avanço dos estudos sociolingüísticos com relação aos estudos anteriores é que eles não estudam a língua de um falante isolado, mas inserido numa comunidade de fala, interagindo com outros falantes, estando sujeito à influências do meio social, adicionando novas formas ao seu vocabulário e realizando outras de maneira diferente.

Os sociolingüistas tencionam explicar as causas da variação existente na língua, partindo do pressuposto de que tal variação pode ser sistematizada. Descobertas essas causas, é possível identificar se essa variação é um processo em mudança ou se é uma variação estável.

Os estudos sociolingüísticos geralmente estão atrelados a outras linhas de estudo da lingüística, como a fonologia e a sintaxe, por exemplo. Utilizamos essa a teoria Sociolingüística como base para nosso trabalho, que estuda **o comportamento variável da consoante nasal em posição de coda na fala dos pessoenses** por se tratar de um fenômeno que se apresenta em estado de variação na fala. Pretendemos explicar as causas de sua variação e se essa variação pode estar ocasionando uma mudança na fala dos pessoenses. Tomando por base o modelo de análise citado anteriormente, é possível quantificarmos

estatisticamente quais fatores lingüísticos e sociais tem influência direta sobre o objeto de estudo desta pesquisa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a execução deste trabalho utilizamos, como dito anteriormente, a abordagem teórico-metodológica laboviana, que visa em, identificada a variável dependente, relacioná-la com variáveis sociais e lingüísticas, para que, com o auxílio de um programa computacional, obtenhamos dados estatísticos, que nos mostrarão quais desses fatores estão favorecendo o fenômeno estudado.

Os dados para nossa pesquisa foram extraídos do *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), que é formado por 60 entrevistas, de aproximadamente 1 hora de duração cada uma, com informantes que foram estratificados da seguinte forma:

- 30 homens e 30 mulheres
- 20 jovens (15-25 anos), 20 adultos (26-49 anos) e 20 idosos (50 anos em diante)
- 12 analfabetos, 12 (1-4 anos de escolaridade), 12 (5-8 anos de escolaridade), 12 (9-11 anos de escolaridade) e 12 (acima de 11 anos de escolaridade)

Dessa forma, o VALPB adota três variáveis sociais: sexo, faixa etária e anos de escolarização. Em nosso trabalho, adotaremos as mesmas variáveis, porém reduziremos o *corpus* a 36 informantes, visto que é um número considerável para uma pesquisa como a nossa.

3.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

A variável dependente do nosso trabalho é a consoante nasal em posição de coda. Para analisá-la, selecionamos no *corpus* do VALPB palavras que se encaixassem nas seguintes classes gramaticais:

- Substantivo: “tem **coragi** pra fazer” - MHS²
- Adjetivo: “acho **bom**” - IMS
- Pronome: “eu num ajudaha **ninguém**” - SVS
- Advérbio: “fica **bom** ai ...” - AJM
- Conjunção: “ela leva **também**” - SVS

3.2 VARIÁVEIS SOCIAIS

As variáveis sociais são elementos essenciais para um estudo sociolingüístico, pois, como o próprio nome já diz, a Sociolingüística estuda fenômenos da língua relacionados às características sociais dos falantes. De fato, é difícil conceber uma teoria lingüística que

² As iniciais se referem aos nomes dos informantes que formam o *corpus* do VALPB

tenha como objeto de estudo a fala de um indivíduo e não considere o ambiente social em que vive e as características peculiares a ele.

Trataremos, a seguir, de cada variável social, assim como das variáveis lingüísticas que foram selecionadas como influenciadoras no comportamento lingüístico dos pessoenses.

3.2.1 Sexo

O que antes era denominado como sexo, foi, agora, dividido como sexo e gênero. O sexo está relacionado às características físicas do indivíduo, “uma categoria biológica que serve como base fundamental para a diferenciação de regras, normas e expectativas na sociedade”(ECKERT, 1998). O gênero, por sua vez, refere-se ao papel que homens e mulheres exercem na sociedade. No estilo de vida atual, algumas mulheres lideram o orçamento doméstico, ganhando mais dinheiro que os homens, ou até mesmo, arcando sozinha com as despesas do lar. Algumas profissões, como é o caso do cobrador de ônibus, que eram exercidas por profissionais do sexo masculino, atualmente, também são exercidas por mulheres.

Além das diferenças físicas e profissionais, pesquisas sociolingüísticas tem comprovando diferenças na forma como homens e mulheres falam. De acordo com a literatura pertinente, os homens utilizam mais a linguagem não-padrão, optando por formas próprias da linguagem informal, enquanto que as mulheres preferem utilizar a forma padrão da língua, fato que tem sido explicado pela influência que as mulheres tem na vida escolar de seus filhos, o que a leva a, freqüentemente, utilizar traços da linguagem formal.

Em nossa pesquisa, não consideramos o gênero dos informantes, apenas o sexo, de forma que temos 18 informantes do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Todavia, observamos como esses falantes se comportam e qual sexo está utilizando com mais freqüência a forma não-padrão da língua, ou seja, o apagamento da consoante nasal.

3.2.2 Faixa Etária

Não é necessária uma pesquisa em livros para percebermos a diferença de estilos de fala entre pessoas de faixas etárias distintas, basta apenas olharmos ao nosso redor, em nossa família para detectarmos que os jovens, com seu estilo informal de falar, utilizam com muito mais freqüência as formas não-padrão da língua.

Entretanto, como a Sociolingüística não se contenta apenas em observar, mas sim em comprovar os fatos, estudos dessa área tem comprovado numericamente que os idosos são os falantes que mais optam pelo uso de formas que favoreçam a linguagem formal.

Em nosso trabalho, verificamos três faixas etárias: jovens (15-25 anos), adultos (26-49 anos) e idosos (50 anos em diante), constando com 12 informantes de cada faixa.

3.2.3 Anos de Escolarização

Uma outra variável também bastante considerada nos estudos sociolingüísticos é a variável anos de escolarização, que auxilia o pesquisador a identificar até que ponto a escola está influenciando os fenômenos lingüísticos abordados. No caso do comportamento da consoante nasal, supomos que os falantes que têm pouco ou nenhum contato com a língua escrita possuem uma tendência maior ao apagamento, que é a forma não-padrão da

língua. Em contrapartida, acreditamos que os falantes com mais de 11 anos de escolarização adotam a forma padrão, ou seja, preservam com mais frequência a consoante nasal em posição de coda.

3.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis lingüísticas referem-se às características inerentes da língua, como a classe gramatical dos vocábulos

3.3.1 Extensão do vocábulo

A variável extensão do vocábulo refere-se ao número de sílabas das palavras: monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo. No *corpus* do VALPB, entretanto, não encontramos ocorrência de palavras polissílabas portadoras da nasal em posição de coda. Como exemplos dos vocábulos que encontramos temos:

- monossílabo: “um **som** pra...” - IMS
- dissílabo: “um **omem** que...” - IMS
- trissílabo: “tinha **coragi** de...” - SMPS

3.3.2 Classe Gramatical

Julgamos ser importante observar a classe gramatical dos vocábulos porque sabemos das peculiaridades que cada classe apresenta. Verificaremos, dessa forma, como cada uma delas se comportam com relação à variação. Como dissemos anteriormente, as classes gramaticais encontradas no *corpus* foram: substantivo, adjetivo, advérbio, conjunção e pronome.

3.3.3 Vogal nasal

Essa variável é de extrema importância, pois determinaremos quais vogais estão mais favoráveis à variação, além do que a vogal nasal é o elemento mais próximo da nasal e, com a queda desta consoante, ocupará a posição de coda da sílaba.

3.3.4 Contexto Fonológico Precedente

O contexto fonológico precedente se refere ao contexto que vem antes da consoante nasal. No caso de “tem o lado bom e ruim, né?”, por exemplo, se analisarmos o vocábulo **ruim** percebemos que o que precede a consoante nasal é a vogal “i”, porém, como adotamos uma variável específica para as vogais nasais, consideramos como contexto fonológico precedente a vogal “u”.

3.3.5 Contexto Fonológico Seguinte

A definição do contexto fonológico seguinte é quase a mesma do contexto fonológico seguinte com a diferença de que analisamos agora o que vem seguindo a consoante nasal, que pode ser uma outra consoante ou um contexto de pausa.

3.3.6 Vogal da sílaba anterior

Como nosso trabalho tem uma perspectiva fonológica, consideramos importante estudar o comportamento da vogal que se localiza na sílaba anterior a da consoante nasal. No caso do vocábulo “homem” analisaremos a vogal “o”.

3.4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Encontramos em nosso *corpus* um total de 3.909 ocorrências da consoante nasal em posição de final de palavra. As tabelas abaixo apresentam os resultados conseguidos com o auxílio do programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1988), criado para demonstrar através de dados estatísticos a variação na fala de indivíduos. Esse programa fez uma rodada binária com os dados e os resultados dessa rodada são apresentados, em forma de porcentagem, pelas tabelas abaixo:

VARIÁVEIS SOCIAIS

Tabela 1

Sexo	Apagamento/Total	Porcentagem
Masculino	115/1698	7%
Feminino	161/2211	7%

Apesar da maioria dos trabalhos sociolinguísticos apresentar um comportamento mais conservador da mulher, com relação à língua falada, observamos pelos resultados que no que se refere ao fenômeno em estudo homens e mulheres comportam-se praticamente da mesma forma, ou seja, ambos estão utilizando em mesmo nível a forma não-padrão.

Tabela 2

Faixa Etária	Apagamento/Total	Porcentagem
Jovem	76/1249	6 %
Adulto	85/1480	6 %
Idoso	115/1180	10 %

Analisando a tabela acima identificamos um fato inesperado: os falantes idosos, isto é, com mais de 50 anos, optam com mais frequência pelo uso da forma não-padrão, ou seja, apagam mais a consoante nasal do que as outras duas faixas etárias que apresentam comportamento semelhante. Acreditamos que, numa rodada em que os resultados estejam em peso relativo esses dados possam mudar. Caso contrário, os dados apontam para um possível início de um processo de mudança. Entretanto, é cedo para afirmarmos isto.

Tabela 3

Escolaridade	Apagamento/Total	Porcentagem
Nenhum	143/1132	13 %
5-8 anos	67/1360	5 %
Mais de 11	66/1417	5 %

A tabela acima demonstra um resultado já esperado, pois se o indivíduo não tem acesso à escola, possivelmente não terá contato com as formas padrão da língua e, desta forma, tenderá ao uso, neste caso, ao apagamento da consoante nasal com mais frequência do que aqueles que conhecem as duas formas da língua: a padrão e a não-padrão.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Optamos por colocar nas tabelas abaixo apenas os resultados mais relevantes, desconsiderando aqueles em que não houve apagamento. Sendo assim, as variáveis linguísticas apresentaram o seguinte comportamento no que se refere ao apagamento da consoante nasal em posição de coda:

Tabela 4

Extensão do Vocábulo	Apagamento/Total	Porcentagem
Polissílabo	18/30	60%
Trissílabo	60/102	59%
Dissílabo	198/2621	8%

Os vocábulos polissílabos e trissílabos foram favorecedores do apagamento com grande frequência. Acreditamos que isso ocorra devido a uma tendência que os falantes têm de reduzir as formas da língua. Assim, vocábulos como “desmontagem” e “coragem”, foram, por muitas vezes, realizados como “dismontagi” e “traquinagi”.

Tabela 5

Classe gramatical	Apagamento/Tota	Porcentage
	l	m
Substantivo	255/446	57 %

Como já esperávamos a classe gramatical que mais favoreceu o apagamento da consoante nasal foi o substantivo, mesmo porque as conjunções, pronomes e advérbios são classes determinadas como invariantes e, talvez por isso, conservaram sua estrutura. O único advérbio em que encontramos variação foi “ontem”, que, foi realizado por alguns falantes como “onti”.

Tabela 6

Vogal nasal	Apagamento/Total	Porcentagem
e	265/1698	16 %

A vogal nasal /e/ se caracterizou como grande favorecedora do apagamento, em relação às demais, resultado semelhante ao de estudos como o de Votre (1978), que ao analisar a fala do carioca, percebeu que quando a vogal nasal era /e/ havia um tendência maior ao apagamento. Supomos que isto ocorra porque há a possibilidade da elevação do /e/, podendo passar a /i/, como ocorreu em vocábulos como jovem – jovi, homem – omi, nuvem – nuvi.

Tabela 7

Vogal da sílaba anterior	Apagamento/Tot	Porcentage
	al	m
o	192/289	66 %

Assim como ocorreu com a vogal nasal /e/, a vogal /o/ destacou-se entre as outras vogais no que se refere ao apagamento da nasal. Na maioria das palavras com duas ou mais sílabas, essa vogal estava presente quando ocorria apagamento.

Tabela 8

Contexto fon. anterior	Apagamento/Tot al	Porcentagem
g	78/142	55 %
t	15/36	42 %
d	9/28	32 %
m	152/614	25 %

Dentre todas consoante essas foram as que obtiveram resultados mais significativos pra essa pesquisa com relação ao contexto fonológico precedente, isto é, foram favorecedoras do apagamento quando se posicionavam em frente à vogal nasal. Como exemplo dessas ocorrências temos:

- /g/ - ... tinha *coragi* de fazer... - JS
- /t/- ... ganhou *onti* do... - JS
- /d/-... uma *ordi* severa... - ACS
- /m/-... sou *omi* mais... - JS

Tabela 9

Contexto fon. seguinte	Apagamento	Porcentagem
l	6/22	28%
r	5/30	17%
d	43/279	15%
q	26/225	12%
e	18/75	10%

Conforma falamos anteriormente, o contexto fonológico seguinte está relacionado ao ambiente fonológico que se localiza após a consoante nasal. Dentre os contextos que influenciaram o apagamento da consoante nasal, temos a consoante lateral /l/ como a maior condicionadora ao apagamento da nasal. Acreditamos que isto possa ocorrer porque tanto a nasal como a lateral são consoantes sonoras e, com a nasal apagada a sonoridade da lateral predomina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos, com este estudo, que, de fato, há uma heterogeneidade na língua falada do pessoense. Porém, como foi demonstrado, essa heterogeneidade pode ser sistematizada a partir de cálculos estatísticos, proporcionando resultados representativos do comportamento do falante. Os dados comprovam, ainda, a influência que as características sociais do falante e o ambiente linguístico no qual a variável está inserida exercem sobre a fala, distinguindo, por exemplo, a fala de homens e mulheres.

Sem dúvida, os estudos sociolingüísticos em muito contribuem para o desenvolvimento da Linguística e sua afirmação como a ciência humana mais reconhecida por estudiosos e pela sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**. Oxford: Blackwell, 1995.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. IN: BISOL, Leda(Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CORVALÁN, Carmen Silva. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Espanha: Alhambra, 1989.
- HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: uma retrospectiva. In: HORA, Dermeval da(Org.). **Diversidade Lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1996.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R. **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: Idéia, 2001.
- LABOV, William. **The social stratification of English in New York city**. Washington: Center of applied Linguistics, 1966.
- PINTZUK, Susan. **VARBRUL programs**. 1998. Mimeo.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. Rio de Janeiro: Ática, 1990.
- VOTRE, S. J. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. 1978. Tese(Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade católica do Rio de Janeiro.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory in language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Yakov(eds.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-188.